

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**

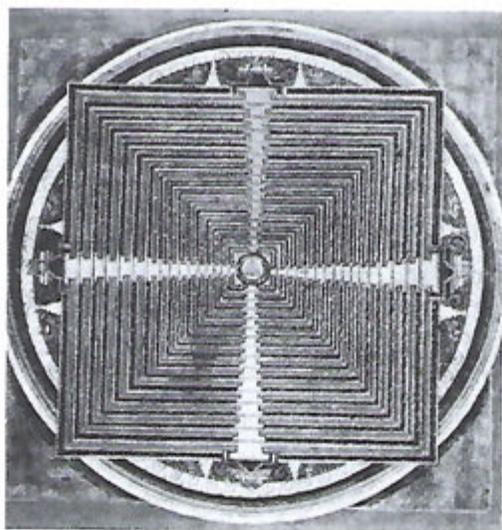


**O diálogo com
outras religiões:
um caminho
franciscano**



Lição 15

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**O diálogo com
outras religiões:
um caminho
franciscano**



Lição 15

Petrópolis 2001

© FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL
Rua Coronel Veiga, 1705 – CEP 25655-152
Caixa Postal 90.174 CEP 25621-970
PETRÓPOLIS – RJ

Copyright do original alemão

Comissão Internacional do CCFMC.
Edição revisada conforme as propostas do Congresso Internacional do CCFMC,
em Assis, Itália, 1994.

Redação original em língua alemã

Anton Rotzetter OFM^{Cap}, Maria Crucis Doka OSF,
Margarethe Mehren OSF, Patricia Hoffmann-Kayser,
Othmar Noggler OFM^{Cap}, Horst von der Bey OFM e
Andreas Müller OFM

Layout

Jakina Ulrike Wesselmann
Centro Missionário dos Franciscanos (MZF)

Tradução para o português

Malina Hoepfner RSCJ

Revisão literária

Frei Celso Márcio Teixeira

Diagramação, paginação e fotolitos

Domus Design Gráfico



Texto das fontes	5
Porque Francisco respeitava os escritos da humanidade	
I. Introdução	6
II. Visão de conjunto	7
III. Informação	8
1. Diálogo: explicação do conceito e regras fundamentais	8
1.1. Definição	8
1.2. Pressupostos	9
1.3. Objetivos	9
1.4. Urgência do diálogo	10
1.5. Revelação	12
2. O cristianismo e as outras religiões	13
2.1. O Concílio Vaticano II	14
2.2. Depois do Concílio	15
3. Tendências teológicas	16
3.1. Teologia dialética	16
3.2. Teologia da planificação	16
3.3. Teologia do cristianismo anônimo	17
3.4. Teologia da cristologia do Logos	19
4. Diálogo na vida cotidiana	21
4.1. Diálogo no contexto social	21
4.2. Encontros para o diálogo	21
5. Diálogo franciscano	22
5.1. Diálogo a partir da dinâmica da oração	23
5.2. “Ser submisso a todas as criaturas”	23
5.3. Ser você mesmo	24
5.4. “No meio deles”	24
5.5. Tomar a iniciativa	25
5.6. Confiar nos outros	25
5.7. Agir através da vida e pela palavra	25
5.8. Colaboração mútua	25



5.9. “Antes compreender que ser compreendido”	26
5.10. Como instrumento da paz	26
Fontes eclesiais e franciscanas	26
IV. Exercícios	27
V. Aplicações	31
VI. Bibliografia	36
VII. Legendas das ilustrações	39

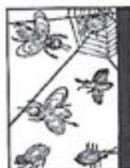


Texto das Fontes

Porque Francisco de Assis respeitava os escritos da humanidade

É bem conhecido o seguinte relato: "Onde quer que encontrasse algum escrito, divino ou humano, na rua, em casa ou no chão, Francisco recolhia-o com todo o respeito e o colocava em algum lugar sagrado ou decente, pensando que o escrito poderia ser do Senhor ou pelo menos conter seu santo nome. Um dia, um frade lhe perguntou por que recolhia também os escritos dos pagãos, onde não estava o nome do Senhor e Francisco respondeu: 'Meu filho, contêm as letras com que se escreve o gloriosíssimo nome do Senhor. O que há de bom neles não pertence aos pagãos nem a ninguém em particular, mas somente a Deus, de quem são todos os bens'" (1Cel 82).





Introdução

I.

Influência da religião sobre a vida das pessoas

Desde sempre existiram diferentes religiões que, cada uma à sua maneira, influíam sobre a vida dos homens. Nos tempos mais remotos, raramente se chegou a confrontos entre as religiões a nível de doutrina.

Isto, porém, era diferente na Igreja católica que se entendia como o único e verdadeiro caminho à salvação. Esta autocompreensão influía sobre a sua atitude frente a outras crenças. Por isso, acreditava que os seguidores de outras religiões poderiam ser salvos apenas através da conversão ao cristianismo. Em consequência, o alvo principal das missões cristãs era a conversão dos povos.

Mas através dos tempos, outras religiões também reclamavam para si a pretensão de serem responsáveis pelo mundo inteiro. Daí aumentaram as confrontações.

Na cidade de Chicago, em 1892, o Parlamento Mundial das Religiões fez a primeira tentativa de reunir representantes de todas as convicções religiosas para promover um entendimento mútuo, assim como o espírito de parceria entre as religiões mundiais. Esta iniciativa deu o impulso inicial ao diálogo inter-religioso.

Durante o Concílio Vaticano II, também foi pela primeira vez que a Igreja católica reconheceu as outras religiões como caminhos legítimos de salvação, abrindo assim a porta para um diálogo com as principais religiões do mundo. A partir desta sua nova relação frente às outras convicções religiosas, a Igreja começou a falar de "vestígios" da ação do Espírito Santo nas outras religiões. Na Encarnação de Deus ela descobriu então

o modo como Deus se comporta para com a humanidade, tirando novas conclusões a respeito da relação existente entre as religiões.

Para os membros do movimento franciscano, Francisco sempre foi o modelo mais convincente. O seu encontro com o sultão continua sendo um exemplo válido de um diálogo respeitoso entre os fiéis das mais variadas procedências.





Visão de Conjunto

II.

Diálogo como princípio

No tempo de São Francisco, não existiam nem o conceito “diálogo” nem o comportamento dialogal. Por isto, é válido começar por explicar o pensamento dialogal.

A segunda parte da lição apresentará o diálogo como está sendo conduzido em nível teológico e prático entre o cristianismo e as outras religiões mundiais. É evidente que convém, em primeiro lugar, consultar o Vaticano II, uma vez que este Concílio marcou uma virada decisiva. Em seguida, serão tratadas algumas tendências teológicas dos últimos tempos, para enfocar melhor o diálogo na vida do dia-a-dia.

No último setor, seguem dez recomendações para o diálogo franciscano.





Diálogo: explicação do conceito e regras fundamentais

1.

Definição

1.1.

O Diálogo é uma comunicação recíproca e progressiva a nível de relações, idéias, ações e experiências, assim como de escuta silenciosa da voz de Deus em nós.

Os conceitos-chave desta definição são significativos e necessitam de uma explicação.

- **Recíproco:** Diálogo é o colóquio entre duas ou mais pessoas ou partidos que se respeitam e se aceitam mutuamente.
- **Progressivo:** O diálogo quer iniciar um processo de crescimento, ou seja, trata-se de atingir um grau mais alto e mais maduro de entendimento.
- **Comunicação:** Diálogo significa partilhar e participar; portanto, significa dar e receber.
- **Em nível de relações:** Diálogo consiste numa relação onde cada um se dirige ao outro e depende do outro.
- **Em nível de idéias:** Diálogo supõe partilha do saber, da experiência de vida e da compreensão do mundo.
- **Em nível de ações:** Diálogo é ação, é colaboração.
- **Em nível de experiências:** Diálogo é a troca de experiências nos distintos setores económicos e políticos, étnicos e geográficos, sociais, culturais e religiosos.
- **Em nível da escuta silenciosa:** Diálogo é um processo que se consegue iniciar unicamente através da abertura e mútua escuta. O silêncio é o pressuposto para podermos perceber em nós a ação do Espírito Santo. Somente a partir desta atitude de escuta, mesmo sem palavras, será possível compreender-se mutuamente e reconhecer o amor que o outro sente.

O diálogo é uma peregrinação empreendida com grande humildade e com a meta de alcançar um entendimento interpessoal. Portanto, sem humildade e amor não poderá existir um verdadeiro diálogo.

Temos que reconhecer a existência de muitas religiões, cada uma delas tendo a sua própria visão do mundo. Por sua vez, todas as religiões podem contribuir para uma melhor compreensão entre as várias convicções religiosas, a partir da sua própria autocompreensão.

Seguem os nomes dos grupos religiosos mais significativos:



1. As três religiões que se baseiam em revelações escritas (Bíblia, Evangelhos, Alcorão): Judaísmo, Cristianismo e Islã.
2. Confucionismo, Budismo, Taoísmo, Shintoísmo.
3. Hinduísmo, Jainismo, Sikhismo, doutrina de Zoroastro.
4. As religiões autóctones da África e da América.
5. Os novos cultos e as religiões recém-fundadas.

Pressupostos

1.2.

Qualquer diálogo autêntico supõe que, nesta troca de idéias, cada um dos participantes reconheça os outros e respeite a opinião dos outros, tal qual é. Da mesma forma, o diálogo supõe que se analisem planos e tarefas de comum interesse, que se aproveitem as possibilidades de trocas mútuas e que se procurem os caminhos que facilitam um encontro.

Um diálogo, digno deste nome, só pode surtir efeito, se acontecer num nível de igualdade, onde não há primazia nem subordinação. Também não deve haver a pretensão de possuir, *a priori*, uma parte maior de "verdade". Um diálogo sensato vive essencialmente da paridade, da tolerância respeitosa para com outras convicções, outros pontos de vista, outras práticas de vida, e de total disposição tanto para dar como para receber.

Objetivos

1.3.

O objetivo maior do diálogo é o melhoramento da compreensão mútua e das relações interpessoais.



Um diálogo pode ter muitas finalidades, por exemplo, a compreensão mútua, o querer aprender dos outros, a colaboração com eles, etc.

Tão antigo como o diálogo é a sua finalidade, procurada do modo mais lúcido por Sócrates (* 470). Pois, para combater as influências nocivas dos sofistas (= escola filosófica que, com sua lógica fictícia, conduziu muitos ao erro), Sócrates começava por envolvê-los num colóquio. Queria com isso conseguir que eles, por si mesmos, encontrassem a verdade. Estava interessado apenas em trazer à luz a verdade, e não em ter um argumento melhor do que os outros, ou em converter os outros à sua própria opinião. Seu empenho pelo diálogo deve ser entendido como uma humilde procura da verdade. Também hoje, o diálogo não devia ter outra finalidade a não ser procurar, com humildade, a verdade.

Urgência do diálogo

1.4.

Muitos fatores tornam, hoje, urgente o diálogo. A necessidade do diálogo já resulta da *natureza íntima* da pessoa humana. Se hoje em dia, de um lado, a dignidade humana não é reconhecida em muitos países, cresce contudo, de outro lado, a consciência de que isto representa uma injustiça. Daí provém a exigência de respeitar a liberdade humana. Todos desejam e esperam que a religião se exprima de maneira humana e convincente. De forma nenhuma pode ser imposta às pessoas. Somente uma atitude dialógica é capaz de satisfazer esses desejos e esperanças.

O diálogo é necessário também devido à *historicidade* do ser humano. Como nunca antes, a pessoa humana ficou consciente de que, ligado ao tempo, está crescendo gradual e progressivamente em todas as suas potencialidades. Também a religião não faz exceção. Pode-se afirmar até que as religiões tomaram consciência de sua própria evolução condicionada pela história. Já não se agarram a dogmas ultrapassados, como por exemplo a afirmação de que estejam em plena posse de toda a verdade, ou de que representam o único caminho à salvação, etc. Se a plena verdade não é uma grandeza histórica imutável, então todos devem se pôr a caminho para buscar, humildemente, a verdade. E este caminho é o diálogo.

A necessidade do diálogo deduz-se também daquilo que hoje em dia se chama *globalização*. O nosso planeta Terra ficou sendo uma grande "aldeia", principalmente pela facilidade como se pode viajar hoje em dia e também pelos meios de comunicação que se intercomunicam através de enormes distâncias. Hoje, pela primeira vez na história da humanidade, podemos falar de uma história universal unificada, uma vez que todos nós, em conjunto, fazemos parte de uma única entidade.

De outro lado, isto criou novos problemas. Continuamente e por toda parte, encontram-se pessoas pertencentes a outras culturas, religiões e cosmovisões. Esta aproximação



existencial e intelectual fez com que se tenham perdido muitas tradições autóctones. Mesmo assim, todos são chamados a um entendimento entre pessoas, nações e culturas, que respeitem a dignidade da pessoa e a sua liberdade. Se existir um meio, apto para realizar esta tarefa, então é o diálogo.



Ligado à globalização está o *pluralismo*. Somente hoje somos capazes de entender a verdadeira natureza da pluriformidade. Daí nasce, outra vez, a necessidade de um diálogo. O pluralismo, que sempre existia como realidade, tornou-se hoje um valor autónomo. Até há pouco tempo, não se estava interessado, de maneira nenhuma, em admitir o pluralismo. Justificava-se, simplificando muito a interpretação do princípio da não-contradição. Quer dizer, existindo diversas posições (ideologias, religiões, cosmovisões, etc.), então devem ser avaliadas como alternativas contraditórias. Neste caso, exige-se uma decisão ou uma escolha; pois todas não podem ser igualmente e simultaneamente certas, uma vez que todas seguem conceitos contraditórios.

Hoje se julga errada tal maneira de pensar em alternativas excludentes (ou – ou) no âmbito da filosofia e da teologia; porque as diferentes religiões não são alternativas que se excluem mutuamente, nem podem ser comparadas, uma vez que se fundamentam em pressupostos diferentes. Portanto, o pluralismo se apresenta como a expressão de uma realidade imensamente variada que devemos afirmar na sua totalidade. Hoje, já não se trata de excluir, de negar, mas de conhecer e de valorizar. O diálogo é, por isso, o meio indispensável para estabelecer a paz e a harmonia num mundo pluralista.

Devido a estes fatores, a *compreensão da verdade* mudou. A verdade, em si, poderia ser monolítica, como uma rocha. Mas o conhecimento do ser humano e sua compreensão da verdade nunca são perfeitas nem completas. A tradição indiana oferece uma compreensão da verdade que, eventualmente, vem ao encontro da situação no nosso moderno mundo pluralista. Para encaminhar uma discussão, vamos apresentar aqui esta compreensão hindu da verdade:

Para os hindus, a verdade é um centro do qual as várias religiões e filosofias procuram aproximar-se. Não é algo que, num tempo determinado, pudéssemos alcançar completamente. O homem, sendo o que é, a saber, uma criatura finita e limitada, o seu empenho pela verdade pode ser comparado a uma viagem ao centro, onde todos os raios se



cortam e se encontram. Enquanto a plenitude da verdade, com certeza, se encontra no centro, as várias filosofias e religiões estão apenas a caminho deste centro. Talvez, rumo ao centro, uma tenha um caminho mais longo a percorrer do que a outra. Por isso, seria mais acertado dizer: embora todas tenham parte da verdade, não são perfeitamente verdadeiras; embora todas tenham defeitos, não são completamente erradas. Por conseguinte, verdade religiosa seria uma grandeza essencialmente dialética: o que quer que se tenha proclamado numa determinada religião, sempre fica mais alguma coisa para dizer. O



que quer que foi afirmado deve ser corrigido por uma nova afirmação. Em todo caso, a cada uma é dada a possibilidade de se desenvolver e progredir em direção a mais verdade. O caminho para lá, evidentemente, é o diálogo.

Falta ainda mencionar a *abundância das comunicações* que hoje em dia, graças aos meios e redes eletrônicos, são ilimitadas. Sentimo-nos cada vez mais envolvidos e presos neste sistema. Este fenômeno não oferece apenas possibilidades ainda imprevisíveis de comunicação global, mas também uma manipulação perigosa e múltipla. A propaganda incessante age como um moderno sedutor. Provocam-se necessidades artificiais; promete-se uma felicidade sem sombras. Nesta concorrência, aberta a todos, há lugar para tudo, tanto para a propaganda ideológica e política, como para a doutrinação religiosa. Uma abundância incontável de informações sem normas éticas submerge as pessoas e influi sobre seus conceitos de valores, suas atitudes e convicções. O interesse maior se concentra na procura do lucro, não na busca da verdade. Em consequência, esta oferta exagerada de informações tem que ser constantemente classificada, analisada e refletida através de um diálogo crítico com a mídia.

Revelação

1.5.

Aqui surge uma pergunta importante: Mesmo que esteja certo que o homem, por si mesmo, não possa nunca compreender a plena verdade, no entanto, também não está reduzido a ter que contentar-se com suas próprias limitações. Portanto, o que acontece quando Deus se revela?

Que Deus possa revelar-se não há dúvida. Mas isso provoca novas perguntas: O que significa o conceito "revelação"? Trata-se somente de verdades que se podem exprimir

em palavras? Ou também da consciência de que temos Deus presente dentro de nós? Quem possui a verdadeira revelação de Deus, uma vez que várias religiões pretendem ser a religião revelada? Como podemos ter certeza de que a pessoa que recebeu uma tradição específica a entendeu realmente e a transmitiu sem falsificá-la? A revelação de Deus não há de ficar, forçosamente, imperfeita, uma vez que o homem, que a recebe e transmite, é imperfeito?

Estas e outras perguntas ficam mais importantes ainda, quando nos lembramos de que nós mesmos somos seres historicamente condicionados e que todas as religiões e tradições têm que admitir o seu próprio contingente de erros e falhas.

As ciências positivas, como por exemplo a psicologia, chamam a atenção ao fato de que todas as pessoas humanas e cada grupo humano estão percebendo e entendendo o mundo, e também a revelação, através de conceitos filtrados e formados pela própria cultura e situação social. A conclusão se impõe: Mesmo que haja revelação (não temos dúvida a este respeito), para realmente conhecê-la é preciso ficar dialogando com todas as culturas, tradições e religiões.



cristianismo e as outras religiões

2.

Nem sempre, a Igreja foi aberta ao diálogo. Temos até de admitir que, durante séculos, a Igreja foi incapaz de dialogar. Baseada em fundamentos teológicos errados, a Igreja contestou a outras religiões a faculdade de serem caminhos de salvação. Aconteceu com freqüência que os cristãos rejeitaram com desprezo as tradições religiosas de outros povos, forçando-os a deixarem-se batizar e obrigando-os a aceitarem uma maneira unilateral de viver o cristianismo.

E hoje, como está a situação? O que se entende hoje em dia por obrigação de missionar? E como as outras religiões entendem a sua própria missão? Necessitamos de diálogo,



para podermos responder a estas questões. É preciso chegar a um comum acordo. Não temos o direito de nos indignarmos quando outras religiões nos proíbem o acesso às suas regiões. Quais são, portanto, as várias tendências teológicas que esclarecem a autocompreensão da Igreja, assim como a compreensão que ela tem das outras convicções?

O Concílio Vaticano II

2.1.

O Concílio Vaticano II (1962-1965) significa uma mudança de época no encontro da Igreja com outras culturas e religiões. Por isso, talvez seja necessário, em primeiro lugar, tomar conhecimento da doutrina do Concílio. *“Quanto às religiões não-cristãs, quanto eu sei, é a primeira vez na história da Igreja que um Concílio, de maneira tão solene, estabelece princípios”* (Cardeal Bea).

Portanto, é a primeira vez na história que a Igreja prestou contas de sua grave obrigação de iniciar um diálogo sincero com os membros de outras religiões mundiais. Em seguida, resumimos alguns pontos básicos da doutrina do Vaticano II, relativos a religiões não-cristãs.

- O Concílio confirma a possibilidade e a universalidade da salvação (LG 16): *“Deus quer que todos os homens sejam salvos”* (1 Tm 2,4).
- Contudo, ninguém é salvo sem Cristo. Toda a salvação vem dele (cf. At 4,12) que é a revelação plena do Pai e o único mediador entre Deus e os homens (cf. 1Tm 2,5). N’Ele e por Ele tudo foi criado (cf. 1Cor 8,6; Cl 1,16), e a sua luz ilumina todo ser humano que vem a este mundo (cf. Jo 1,9).
- O Concílio reconhece que as religiões não-cristãs possuem muitos valores positivos, como verdade, bondade, graça e santidade (NA 2).
- Segundo a doutrina dos primeiros Padres da Igreja, o Concílio considera estes valores positivos como uma espécie de presença velada de Deus, como *“sementes do Verbo”* (AG 11) e frutos do Espírito. Em certo sentido, estes valores são a preparação ao Evangelho (LG 16, AG 3), o caminho que leva a Cristo, no qual tudo se une. Religiões não-cristãs alcançam sua perfeição no cristianismo.
- Entre outros, se acentua que a Igreja é *“o auxílio universal da salvação”* (UR 3) e *“o sacramento universal da salvação”* (LG 48).

Segundo a doutrina do Concílio, na economia divina de salvação, religiões não-cristãs podem ser consideradas “caminhos de salvação” (LG 16). Mas, comparadas ao cristianismo, que é o meio perfeito e universal de salvação, as outras religiões são apenas meios extraordinários e imperfeitos.

Depois do Concílio

2.2.

Permanece, porém, a pergunta se os princípios estabelecidos pelo Concílio chegam à altura das convicções vividas por Francisco. Para cristãos, que concretamente convivem com não-cristãos, e seguramente para membros das outras religiões, os pronunciamentos do Vaticano II ficam aquém daquilo que esperam ouvir.

Na vida prática, portanto, é necessário progredir, tateando, fazendo novas reflexões, estabelecendo até novas hipóteses arrojadas, para aproximar-se sempre mais da verdade. Em todo caso, fica estabelecido que o Concílio abandonou a convicção de considerar a Igreja o único caminho que leva à salvação.

A Igreja sai do seu círculo fechado, deixa de concentrar-se unicamente em si mesma e abre-se aos outros. Esta nova postura da Igreja permitiu um avanço considerável. A nível teológico e prático, porém, ainda falta dar outros passos corajosos.





As tendências mais recentes distanciam-se da posição eclesiológica do passado, concentrando-se principalmente na pessoa de Cristo e na relação ainda ambígua entre a universalidade da salvação e a unicidade de Cristo.

Teologia dialética

3.1.

Segundo esta teologia de origem protestante, a revelação cristã e as outras religiões se encontram numa justaposição irreconciliável. Revelação vem “de cima”, de Deus; religiões procedem “de baixo”, representando esforços humanos que querem apoderar-se de Deus. Portanto, o cristianismo é absolutamente único, confrontando, de modo dialético, todas as outras religiões e sinalizando um rompimento radical com todas as outras tradições humanas e religiosas.

Esta teologia, denominada “dialética”, é representada sobretudo por Karl Barth e Hendrik Krämer. Surgiu no continente europeu, sem que tivesse sido precedida por qualquer encontro ou experiência prévia com outras religiões.

Teologia de planificação

3.2.

Comparada com a Teologia dialética, a Teologia de planificação demonstra uma atitude mais diferenciada e tolerante para com as outras religiões. Segundo esta teoria, o cristianismo é o cumprimento ou a realização plena das religiões não-cristãs, pois responde às ansiedades e desejos do homem religioso que se manifestam, devido ao plano salvífico de Deus, nas várias religiões do mundo.

Segundo a Teologia da plenificação, as outras religiões já contêm aquilo que procuram. Pois, no plano salvífico de Deus já desempenham um papel ou um determinado valor positivo, porque estão a caminho do cumprimento. Portanto, cada ser humano, sinceramente religioso, é salvo por Cristo, que lança “as sementes de sua palavra” no fundo de seu coração.

Isso não quer dizer que as religiões tenham um valor salvífico da mesma maneira que o cristianismo. Antes, as várias religiões não-cristãs possuem apenas “uma função pre-

paratória ao Evangelho". Após o aparecimento do cristianismo, que marca a sua continuação e plenificação, o destino delas é desaparecer.

Durante os anos 20 e 30, esta teologia da plenificação teve muito sucesso na Índia. Seus representantes propagaram esta teoria, tendo em vista a diálogo hindu-cristão. Entre eles, os mais conhecidos são John Nicol Farquhar e Pierre Johanns.

A Teologia da plenificação recebeu muito apoio da parte de teólogos ocidentais, entre outros, de Henry de Lubac e Hans Urs von Balthasar. Indiretamente, foi reconhecida pelo Vaticano II, em vários documentos, retomando a teoria patrística da *"semente do verbo"*, que considera o cristianismo o coroamento e o cumprimento de todas as religiões do mundo.

Teologia do cristianismo anônimo

3.3.

A Teologia da plenificação preparou o caminho para a elaboração da "Teologia da presença de Cristo nas religiões do Mundo", chamada também "Teologia do cristianismo anônimo".

Esta teoria se desenvolveu primeiro na Índia, no contexto do diálogo entre as religiões. Seu representante é Raimondo Panikkar. Um de seus livros traz o título bem significativo: *"O Cristo escondido do hinduísmo"*. As opiniões de Panikkar eram compartilhadas por muitos teólogos ocidentais, como Karl Rahner e Robert Schlette.

A tese fundamental desta nova tentativa de explicação é a seguinte: A graça salvífica de Cristo não alcança apenas todo ser humano que busca a Deus. Deve-se atribuir um valor salvífico também às religiões mundiais como tais, na sua qualidade de instituições e fenômenos históricos. Não basta, portanto, conceder às religiões não-cristãs apenas um papel de *"preparação ao Evangelho"* (= Teologia de plenificação), mas convém reconhecer que estas religiões, tanto no passado como no presente, possuem uma verdadeira função salvífica.

Para todos, a salvação vem de Cristo, mas – segundo a opinião dos teólogos desta nova teologia, – eles são salvos dentro e por meio das religiões que professam. Também hoje,



Cristo está agindo, de modo velado, nas religiões do mundo. O bom budista, da mesma forma que o bom hindu, são “*crístãos anônimos*”, e a sua religião pode ser denominada de “*cristianismo anônimo*” (Rahner) por ser para eles um meio de salvação.

Segundo esta teoria, portanto, o indivíduo não pode ser separado da religião a que pertence. Pois, concretamente, a graça salvífica de Cristo atinge a pessoa, não na sua solidão individual, mas – por via de regra, – na sua condição histórica, na totalidade de seu contexto sociocultural, na sua pertença a uma religião concreta com práticas e ritos. Portanto, a pessoa humana é religiosa dentro de sua religião. As “*sementes do verbo*”, mencionadas pelo Concílio, foram lançadas não apenas no fundo dos corações de particulares, mas também nas tradições religiosas cultivadas por eles (cf. LG 11).

Seria possível fazer a objeção: diante desta teoria, que não questiona a salvação do indivíduo e não nega o valor salvífico de outras religiões, qual é ainda a importância da tarefa missionária da Igreja? Se é suficiente, para se salvar, que um budista seja um bom budista e um hindu seja um bom hindu, por que então o missionário teria ainda o direito de perturbar estes homens que estão agindo de boa fé e que, legitimamente, podem agir assim?

Tentativa de uma resposta: a Teologia do cristianismo anônimo, de fato, não coloca em questão nem a primazia do cristianismo, nem a precedência dos cristãos comparados com seguidores de outras religiões. Também não nega o papel missionário da Igreja. Os não-cristãos desconhecem o Cristo na pessoa de Jesus de Nazaré; não conhecem o seu Evangelho, mas são salvos em Cristo, “*sacramento do encontro de Deus com a humanidade*”. Em outras palavras, são salvos “no mistério de Cristo”. Este mistério de Cristo está presente nas outras religiões, embora se manifesta plenamente apenas no cristianismo, por intermédio da Igreja.

A experiência do mistério de Cristo, do qual os não-cristãos participam mediante a sua religião, é uma coisa; o reconhecimento consciente deste mistério em Jesus de Nazaré é outra; sendo a primeira experiência uma condição para a salvação, enquanto a segunda é uma prerrogativa dos cristãos. Ou, como Schlette afirma, salvar-se pela pertença às religiões não-cristãs é o caminho mais freqüente, enquanto o cristianismo representa um meio extraordinário de salvação.

Esta afirmação de Schlette, por mais chocante que a muitos possa parecer, é estatisticamente válida. A missão da Igreja, portanto, consiste em criar, entre os não-cristãos, uma clara consciência daquilo que, implicitamente, já estão possuindo, para facilitar a passagem de uma experiência implícita de Cristo a um reconhecimento explícito e completo do mistério da Encarnação de Deus em Jesus.

Esta teologia da “*presença do mistério de Cristo*” nas religiões do mundo tem o mérito de ter aprofundado a relação íntima entre a universalidade da salvação e o caráter singular da redenção de Cristo. Mesmo assim provoca certa perplexidade:

- Não faz justiça à conexão necessariamente existente entre o Cristo cósmico, que é “tudo em todos” (1Cor 15,28), e o Cristo da história, no qual os cristãos foram batizados.

- Por esta teoria, a “conversão” parece ficar reduzida a uma espécie de transição do anonimato à expressão explícita; ou seja, a um descobrimento daquilo que, até agora, estava “coberto”, presente de maneira velada nas outras religiões. Nesta perspectiva, a missão não seria outra coisa senão a conscientização daquilo que alguém, inconscientemente, já é.

Se isso for verdade, em que então consiste a novidade da revelação de Deus em Jesus? Não é verdade que, segundo a Sagrada Escritura, a conversão é antes de tudo uma “metanóia”, quer dizer uma volta, uma mudança, uma vida totalmente nova, portanto um verdadeiro rompimento com o passado?

Teologia da cristologia do Logos

3.4.



Esta Teologia mantém a singularidade de Cristo; mas acredita que o cristianismo ocidental ainda não compreendeu perfeitamente o que significa esta singularidade. A Cristologia do Logos, como é apresentada pelo indiano Anil Sequeira, começa com a interpretação de Cristo no Evangelho de João, onde Cris-

to é chamado de “logos” (= verbo, ou seja, simplesmente: palavra). Cristo é descrito em termos muito mais universais do que estamos acostumados a ouvir. João fala do “Ser Eterno”, que tem uma relação íntima com Deus, participa do ato criador e depois aceitou a condição humana. Tudo o que existe se faz por Ele. Tudo o que surge tem n’Ele a sua origem.

Não existe nada no mundo que não deva a existência e o provir ao Logos eterno. Tudo que sabemos e entendemos, seja a respeito de Deus, seja a respeito do homem, do mundo e da vida, das angústias e da felicidade, da graça e da salvação, toda verdade é uma dádiva deste Logos para a humanidade. Também todo crescimento e todo desenvolvimento que hoje podemos constatar são, em última instância, uma dádiva do Logos.



Num segundo passo, esta teoria pergunta o que se entende pela “encarnação” deste Logos. E chega-se às seguintes afirmações:

- O Verbo sujeita-se às limitações do mundo, à historicidade, às restrições e condições do mundo. Mas isto significa que o Logos encarnado não pode ser universal do mesmo modo que o Logos eterno. Na encarnação do Logos não se esgota a totalidade da realidade e da verdade. Daí segue que o cristianismo, na sua formação histórica, não pode pretender possuir a plenitude da verdade e da revelação. Como todas as outras religiões, também o cristianismo está a caminho do centro, ou seja, do Logos eterno.

- A encarnação do Logos é o caso-modelo de nossa religiosidade humana. Da mesma forma que Jesus, por sua morte e ressurreição se tornou o “Cristo”, assim também toda a humanidade, até o cosmo inteiro, estão orientados para uma “cristificação”. Esta cristificação será a verdadeira redenção dos seres humanos e do cosmo. A redenção não é apenas uma redenção “de alguma coisa”, mas significa a redenção “para alguma coisa”; não apenas redenção do pecado, mas para a plenitude da vida em Deus.

Pensamos nesta plenitude da vida em Deus, quando falamos em Cristo. A esta plenitude são chamados todos os seres humanos e o cosmo inteiro (cf. Rm 8,18-23). Todos devem tornar-se “*alter Christus*”. Por isso, pode-se dizer que Cristo representa a essência e a meta de tudo o que existe. E é um Cristo ainda em formação, ainda não completo, enquanto o mundo todo ainda não entrou na plenitude de Deus (cf. Cl 1,15.20). Por conseguinte, até o próprio cristianismo ainda está a caminho da Cristificação, com a responsabilidade e obrigação complementares de compreender e anunciar o mistério do “Cristo total”, cada vez melhor e mais completo. Este ponto será alcançado somente quando todas as religiões deste mundo entenderem a sua relação com o Logos. Por este motivo, a diálogo é para o cristianismo absolutamente essencial e insubstituível.





De preferência, o diálogo entre as religiões acontece mediante encontros e experiências humanas, e não a nível de conceitos, muitas vezes ambíguos e incompletos. Aceita-se mais facilmente uma mútua aproximação existencial do que um diálogo teórico, sobretudo quando o diálogo está apenas na sua fase inicial.

Diálogo no contexto social

4.1.

Há um campo comum, onde é fácil encontrar-se com o outro, a saber, quando se trata de colaborar no âmbito social da procura de libertação e desenvolvimento integral das pessoas. O diálogo entre cristãos e seguidores de outras religiões inclui a partilha num contexto de pobreza e insegurança, assim como o desejo de – em conjunto – promover a justiça e a paz.

A opção pelos pobres é uma questão de consciência para todas as pessoas de boa vontade, para todos que acreditam em Deus, sejam cristãos ou não.

Mediante esta colaboração, é possível reconhecer e aprofundar as exigências da opção pelos pobres. O Concílio Vaticano II exorta-nos a “*esquecer o passado*” para defender e propagar em comum “*a justiça social, os valores morais, a paz e a liberdade de todos os seres humanos*” (NA3, cf. AG 11,12,15,21, GS 40, ES em AAS 56, 1964, 655).

Encontros para o diálogo

4.2.

O diálogo da vida inclui também reuniões organizadas, onde cristãos e heterodoxos compartilham as suas experiências espirituais. Faz trinta anos que, na Índia, esta forma de encontrar-se é a mais freqüente no diálogo inter-religioso. Hindus e cristãos reúnem-se em pequenos grupos, de 10 a 20 participantes, para trocar idéias sobre temas já escolhidos com antecedência. Trocam opiniões e experiências pessoais, perguntando, por exemplo:

- Como é que você reza?
- Descobriu a Deus?
- Se o descobriu, pode nos dizer, como foi?
- Já sofreu na vida?



– Sua religião ajuda em tais momentos do sofrimento?

– Como se mostra o seu amor ao próximo?

No início, esta forma de diálogo nem sempre é fácil. Muitas vezes, o sucesso depende da habilidade do coordenador. Mas a experiência demonstra que uma permuta pessoal é de suma importância para a compreensão recíproca entre membros de diferentes religiões.



Nem sempre se discutem temas bem definidos. As pessoas se encontram também para rezar juntas, principalmente às vésperas de grandes festas religiosas ou nacionais. Aí se descobrem as riquezas surpreendentes de tradições religiosas até então desconhecidas, assim como a sua profundidade espiritual. A comunhão dos corações estabelece-se mais autenticamente na oração comum, no louvor e na adoração de Deus. Então, descobre-se no outro o irmão, a irmã, o filho e a filha de Deus, seja qual for o nome que se dê a este Deus.

Finalmente, há ainda formas de diálogo na vida que são menos praticadas, como as “satsangas” (= encontros mais prolongados entre hindus e cristãos) ou “live-ins” (= partilha de oração e experiências durante encontros que duram 2 ou 3 dias).

Em todas estas formas de diálogo, o cristão aprende dos outros como amar mais a Deus e como amá-Lo com todo o seu ser. Ao mesmo tempo, tem a oportunidade de dar a outros a possibilidade de conhecer os valores do Evangelho, como são vividos na prática (cf. Lição 16, setor 5).



Diálogo franciscano

5.

Uma das finalidades e metas principais deste *Curso Básico* é, justamente, o desejo de promover o diálogo:

- nas próprias fileiras do movimento franciscano;



- na busca de colaboração missionária com a família franciscana em todos os seus ramos;

- pelo diálogo com o mundo inteiro, fora da Ordem:

- com o mundo secularizado;
- com o mundo da ciência e da tecnologia;
- com a política e a economia;
- com o mundo dos pobres, na sua busca de libertação, justiça e paz;
- com as diversas culturas e tradições;
- e finalmente, com as outras religiões.



Este diálogo franciscano universal acontece na vida e pela palavra, apoiado pela oração e a formação.

É fácil encontrar o denominador comum. Por isso, não é preciso voltar às fontes particulares do diálogo franciscano. Basta aqui resumir uma espécie de “Decálogo do Diálogo franciscano”. Trata-se de máximas gerais que podem ser usadas no diálogo com outras religiões.

Diálogo a partir da dinâmica da oração

5.1.

O diálogo com seguidores de outras religiões não é simplesmente um encontro a nível humano. É um presente de Deus. Por isso, deve ser enraizado na oração. Antes de encontrar o sultão, Francisco rezava pedindo força e confiança (cf. LegM 9,9).

O encontro, de fato, terminou de maneira inesperada, pois o sultão pediu a Francisco: “Reze por mim, para que Deus me revele a Lei e a Fé que Lhe sejam as mais agradáveis” (Jacques de Vitry).

Ouvindo este pedido, o coração de Francisco certamente se alegrou. Deve ter-se lembrado da primeira experiência de Deus que fez por ocasião de sua própria conversão, quando também ele “orava com devoção para que Deus eterno e verdadeiro dirigisse seu caminho e o ensinasse a cumprir sua vontade” (1Cel 6; Leg3S 10, cf. OrCr).

Ser submisso a todas as criaturas

5.2.

Não basta que pessoas que aderem ao ideal franciscano se coloquem simplesmente no mesmo nível dos outros, e sim, como “menores”, devem colocar-se em posição mais



baixa do que os outros. Ao encontrar membros de outras religiões, os irmãos e as irmãs devem *"abster-se de rixas e disputas, submetendo-se a todos os homens por causa do Senhor"* (RegNB 16,6)

Ser você mesmo

5.3.

O diálogo é o encontro de duas pessoas ou grupos que buscam um entendimento mútuo. Num encontro, não apenas o lugar da reunião, não apenas a função exercida ou as palavras pronunciadas são de importância essencial, mas, antes de tudo, o que a pessoa é e como se apresenta. Quando entrarem em diálogo com outras religiões, Francisco exige dos irmãos que sejam simples e sinceros e *"confessem que são cristãos"* (RegNB 16).

No meio deles

5.4.

"Se pois houver irmãos que quiserem ir para entre os sarracenos e outros infiéis..." (RegNB 16). Francisco usa a expressão *"inter saracenos et alios infideles"* e não *"ad"* ou *"per"* (*"a"* ou *"para"*). Portanto, irmãos ou irmãs que desejarem participar do diálogo com seguidores de outras religiões, devem viver no meio deles, estar com eles, partilhando a sua condição de vida.



Tomar a iniciativa

5.5.

Francisco não espera que o sultão venha a ele; mas vai em direção a ele, para encontrá-lo. Se quisermos ir ao encontro dos outros, então dependerá de nós iniciar a aproximação. *“Nós, como primeiros, devemos pedir aos homens um colóquio; e não esperar que eles nos convidem a uma conversa”*, admoesta-nos o Papa Paulo VI (ES em AAS 1964, 642).

Confiar nos outros

5.6.

Devemos conceder aos outros que eles são leais e sinceros na sua fé e que têm uma motivação profunda para se decidir por sua religião. Sem confiança e respeito diante das pessoas e de suas convicções religiosas não há diálogo. A propósito da missão dos irmãos *“entre os sarracenos”*, anota Jacques de Vitry que os muçulmanos gostavam de ouvir os irmãos, quando estes pregavam sobre a sua fé em Jesus Cristo, *“mas quando na pregação atacaram a Maomé e abertamente o condenaram como mentiroso e pérfido, estes homens batiam neles e os expulsaram da sua cidade”* (Historia, cap. 32).

Agir através da vida e pela palavra

5.7.

Francisco distingue duas formas de diálogo: diálogo na vida e diálogo pela palavra (RegNB 16). No entanto, prefere a primeira forma. O que, de fato, impressionou mais o sultão não foi a eloquência de Francisco, e sim seu estilo de vida. *“Ficou admirado ao verificar um desprezo tão grande pelos bens deste mundo”* (cf. Fior 24; LegM 9,8; 1Cel 57; Lição 13).

Colaboração mútua

5.8.

Seguindo o exemplo do Evangelho, Francisco enviava os seus irmãos, dois a dois, às várias regiões, para anunciar aos homens a paz (cf. 1Cel 29). Ele mesmo fez-se acompanhar ao sultão pelo irmão Iluminado (cf. LegM 9,8). O espírito de colaboração é essencial a nossa missão franciscana.



Em sua humilde disposição de escuta, Francisco aprendeu muito do sultão. Ficou impressionado com a recepção pelo sultão e pelo zelo na oração dos muçulmanos. O sultão, por sua vez, admirava a Francisco e ouviu-o com benevolência (LegM 3,9).

Como instrumento de paz

Depois que Francisco pregara, em vão, ao exército cristão dos cruzados, foi ao sultão, não para combatê-lo, mas como um instrumento da paz. E acabou fazendo a experiência de que ser recebido pelo sultão na mesma atitude atenciosa e respeitosa.

Fontes eclesiais e franciscanas

Bíblia	Jo 1,9; At 4,12; Rm 8,18-23; 1Cor 8,6; 15,28; Cl 1,15.20, 16; 1 Tm 2,4s
Documentos da Igreja	AG 3; 11; 12; 21; LG 11; 16; 48; NA 2; 3; GS 40; RM
Fontes franciscanas	OrCr, RegNB 16; RegB 12; 1Cel 6; 29; 57; 82; Leg3C 10; LegM 9,8s; Legm 3,9; Fior 24; Historia cap. 32
Documentos interfranciscanos	
OFM – OFM ^{Cap} – OFM ^{Conv}	
OSC (Clarissas)	
OSF (TOR)	
OFS	
Suplementos*	

* Observação: As fontes podem ser completadas pelo(s) participante(s) ou leitor(es) do curso.



Exercícios

IV.

1.

Perguntas:

1. No seu país, vivem pessoas que pertencem a outras religiões?
2. Quantas haverá, aproximadamente?
3. Quais as expressões da fé delas que você conhece (festas, ritos, etc.)?
4. Quais os contatos diretos que você tem ou já teve com pessoas de outras religiões?



2.

Compare o “Decálogo do Diálogo franciscano” (# 5.1 a # 5.10) com o seguinte “Decálogo do Diálogo” elaborado por F. Swidler:

1. A finalidade primária do diálogo é aprender; quer dizer, modificar-se e crescer na percepção e na compreensão da realidade e, conseqüentemente, agir de acordo.
2. O diálogo inter-religioso ou ideológico deve ser encetado como projeto bilateral: dentro de cada comunidade religiosa ou ideológica e entre as próprias comunidades religiosas e ideológicas.
3. Cada participante deve começar o diálogo com plena sinceridade e veracidade. E vice-versa: cada participante deve supor em seus parceiros a mesma sinceridade e veracidade.
4. No diálogo inter-religioso e inter-ideológico não deveríamos comparar os nossos ideais com a práxis dos nossos parceiros, mas os nossos ideais com os ideais deles, a nossa práxis com a práxis deles.
5. Cada participante há de explicar, ele mesmo, a sua posição e delineá-la claramente. Por outro lado, aquele que está interpretando deve ter a possibilidade de se reconhecer na interpretação.



6. Cada participante deve começar o diálogo sem suposições imutáveis, quanto às divergências nas opiniões.
7. Diálogo só pode existir entre pessoas do mesmo nível, “*par cum pari*”, como diz o Vaticano II.
8. Diálogo só pode existir na base de confiança recíproca.
9. Cada participante de um diálogo inter-religioso ou inter-ideológico deve possuir, ao menos, uma qualificação mínima de autocrítica e de crítica de sua própria tradição religiosa ou ideológica.
10. Finalmente, cada participante deve tentar compreender a religião ou ideologia do outro “a partir de dentro”.

Perguntas:

1. Que concordâncias e que diferenças você constata entre os dois decálogos?
2. Há algum interesse franciscano não mencionado neste decálogo, que serviria para enriquecê-lo?



3.

Tarefas:

1. Num colóquio ou por escrito, procure explicar aos membros de sua comunidade, com suas próprias palavras, a “Cristologia do Logos” (acima citada, sob #3.4).
2. Em seguida, entregue aos seus interlocutores o respectivo texto e pergunte se reconhecem neste texto aquilo que você lhes explicou.



Leia os textos seguintes:

1. Do Secretariado para os não-cristãos: “Pensamentos e diretivas sobre o diálogo e a missão. A atitude da Igreja frente a seguidores de outras religiões”, 1984.

Nº 17: “Entre os numerosos exemplos da história da missão cristã se sobressaiem as normas que São Francisco deixou, na Regra Não-Bulada de 1221, aos irmãos *“que quiserem ir para entre os sarracenos e outros infiéis”*. Os irmãos que partirem *“poderão proceder de duas maneiras. O primeiro modo consiste em absterem-se de rixas e disputas, submetendo-se a todos os homens por causa do Senhor e confessando serem cristãos. O outro modo é anunciar a palavra de Deus quando o julgarem agradável ao Senhor”* (RegNB 16,6-8).

Sobretudo no mundo islâmico, o nosso século assistiu ao exemplo dado por Charles de Foucauld que exerceu a sua missão numa atitude de humildade e de silenciosa união com Deus, em comunhão com os pobres e na fraternidade universal.”

2. De “Redemptoris Missio”, carta encíclica de João Paulo II, 1990:

Nº 29: “Assim, o Espírito que *‘sopra onde quer’* (Jo 3,8) e que *‘já operava no mundo, antes da glorificação do Filho’* (Ad Gentes 4), que *‘enche o universo, abrangendo tudo e de tudo tem conhecimento’* (Sb 1,7), induz-nos a estender o olhar, para podermos melhor considerar sua ação, presente em todo o tempo e lugar. É uma referência que eu próprio sigo, muitas vezes, e que me guiou nos encontros com os mais diversos povos. As relações da Igreja com as restantes religiões baseiam-se num duplo aspecto: *‘respeito pelo homem na sua busca de resposta às questões mais profundas da vida, e respeito pela ação do espírito nesse mesmo homem.’* (AAS 78/1986, 767) O encontro inter-religioso de Assis, excluída toda e qualquer interpretação equívoca, reforçou minha convicção de que *‘toda a oração autêntica é suscitada pelo Espírito Santo, que está misteriosamente presente no coração dos homens’* (Gaudium et Spes, 45)”.



Perguntas:

1. Que relação você vê entre diálogo e missão?
2. Você encontra no Novo Testamento textos que falam da atitude de diálogo?
3. Como você explica que a Igreja, após 800 anos, acaba assumindo e recomendando a atitude de Francisco frente às outras religiões?



Leia os textos seguintes:

a) Diálogo com as culturas e religiões da Ásia

“Hoje, irmãos e irmãs franciscanos na Ásia deviam meditar mais sobre os bons e os maus exemplos dados pelos seus grandes antepassados missionários. O exemplo dado, já em 1246, por João de Piano di Carpine (cf. Lição 8), referente à compreensão dos povos, infelizmente, até hoje, ficou quase desconhecido.

Por outro lado, um erro como aquele cometido por Antônio Caballero (cf. Lição 8), até nossos dias não foi completamente reparado por franciscanos modernos. Parece que ainda estamos atrasados.

Na nossa missão no meio do povo, ainda estamos centrados por demais em nós mesmos. Ficamos presos ao sentimento da nossa própria superioridade, triste herança do passado! É o complexo de pessoas que têm a presunção de ser os únicos guardiães da Boa-Nova, com a qual trazem a felicidade aos pagãos, esses ‘pobres tipos’, que dela ainda nada sabiam. Comportamo-nos como os ricos e sábios. Esta atitude deve mudar, mas também o método missionário, para que, finalmente, sejamos capazes de ver, ouvir e descobrir a verdade em outras religiões e culturas, lá ‘oculta desde a criação do mundo’ (Ef 3,9).

As culturas e religiões asiáticas são muito ricas. Até agora, a Igreja católica nunca as conheceu e entendeu bem. Se há alguma coisa para defender, então são aqueles valores culturais e religiosos, que são a expressão da presença de Deus entre dois bilhões de seus filhos asiáticos. Não se trata, aqui, de uns poucos detalhes litúrgicos que são reduzidos, tanto quanto possível, a uma bitola ocidental.

Irmãs e irmãos franciscanos deviam formar a vanguarda num diálogo assim, tipicamente franciscano, autêntico e fraterno. Abandonemos a nossa atitude apologética para, em humildade e simplicidade, construir a Igreja na Ásia e para a Ásia. Isso está exigindo de nós uma conversão renovada a Deus e aos nossos irmãos.”

Irmã Grace Chu, FMM, Hong Kong,

Frei Ambrose Nguyen Van Sí, OFM, Vietnã

b) Engajamento missionário em prol do desenvolvimento em Sri Lanka

“Creio que evangelização, em primeiro lugar, é o mesmo que a tentativa de viver os



valores do Reino de Deus entre os homens, quer dizer, criar fraternidade. É preciso enfrentar a injustiça, pois é impossível levar uma vida humana digna, quando não há nem a mínima segurança material.

Neste empenho pela justiça, porém, não deve ser o ódio a nos guiar. É preciso partilhar fraternalmente, mesmo no meio da luta, usando meios espirituais que são mais fortes que qualquer pressão exterior.

Neste sentido, procuramos trabalhar culturalmente. O povo precisa interiorizar os seus valores budistas, que também são valores cristãos, como por exemplo: a convivência com outros, estima pelos outros, compreensão. Acreditamos que levamos o Cristo para mais perto deles, se vivemos estes valores no meio deles; eles como budistas e nós como cristãos, mesmo não falando a eles diretamente de Cristo.

Desde 1977, monges budistas ligaram-se a nós. Agora três deles já fazem parte do nosso grupo de trabalho. Nas 15 aldeias da redondeza, podemos atingir cerca de 1400 famílias. Em cada aldeia, há um grupo de responsáveis, formados por nós. Alguns deles são budistas, outros são cristãos.”

Irmã Marlene Pereira, FMM, Sri Lanka

Tarefa:

Dê sua opinião a respeito destes dois depoimentos.



2.

Leia a seguinte contribuição da Índia:

“Quaisquer que sejam as diferenças entre as religiões mundiais, sempre há elementos essenciais e básicos que lhes são comuns. De primeiríssima importância é, entre outros, uma dimensão – acentuada igualmente por todos, – a saber, uma vida que ultrapassa a vida material e física. Crer firmemente nela significa conseguir a plenitude da vida. É a dimensão do ‘sagrado’, não importando o que entendem ou imaginem com isso. Ela é considerada a ‘pérola preciosa’.”

Anil Sequeira, OFM Cap, Índia

Pergunta e Tarefa:

1. Das grandes religiões mundiais, quais são as imagens de uma vida depois da morte, que lhe são conhecidas?
2. Procure enumerar ainda outros elementos que, a seu ver, são comuns a todas as religiões mundiais.



3.

A Assembléia Mundial por Justiça, Paz e Preservação da Criação, que aconteceu em Seul no ano de 1990, deu nova expressão à aliança entre Deus e a humanidade, formulando o seguinte compromisso:

“Queremos aprofundar a nossa compreensão bíblica da Criação, lembrando antigas tradições (como por exemplo a doutrina patrística da Criação) e desenvolver novos conhecimentos teológicos que procurem penetrar os mistérios da Criação e definir o lugar da humanidade dentro dela. Queremos também estar prontos para aprender das experiências de povos primitivos e de seguidores de outras religiões e ideologias, assim como da sabedoria feminina. Dentro da nossa comunidade eclesial, queremos deixar espaço para uma espiritualidade que reconheça o caráter sacramental da Criação e que questione a moderna atitude consumista.”

(Texto final da Assembléia Mundial em Seul, República da Coréia, de 5-12 de março 1990, ÖRK Route de Ferney 150, CH-1211, Genebra 2)

Pergunta e Tarefa:

1. No pensar e no agir da sua comunidade, da sua Igreja, você reconhece sinais dos compromissos assumidos em Seul?
2. Procure reformular os compromissos de Seul, segundo as mudanças e necessidades que ocorreram em nível mundial, depois de 1990





Sob o lema: ***“A caminho de um mundo mais saudável. Religiões para a Paz”***, foi celebrada a VI Assembléia Geral da Conferência Mundial das Religiões para a Paz (WCRP), Roma, Riva del Garda, novembro de 1994.

Leia os seguintes trechos da “Declaração de Riva”, aprovada pela Conferência:

“Apesar de oriundos de religiões muito diferentes, também comprometidos com tradições diferentes e marcados pelas mais diversas culturas, nós nos reunimos para assumir juntos o compromisso comum de procurar a Paz, intervir em favor da Justiça e proteger o nosso meio ambiente, assim como o nosso futuro, personificado em nossos filhos. Assumimos igualmente o compromisso de desenvolver uma visão comum de uma vida mais holística.

Neste período de transição, quando o mundo está evoluindo da Guerra Fria a uma nova ordem internacional ainda não definida, ainda estamos correndo atrás de acontecimentos e novas aquisições da tecnologia. Onde ideologias fracassam e relações perdem a sua clareza inequívoca, aumentam os sinais de desmoronamento. O encontro entre povos, línguas, religiões, culturas e os mais diversos sistemas econômicos, dá impulsos para uma nova forma de convivência mundial. Entretanto, a pobreza, os impedimentos que dificultam o acesso a recursos vitais, a opressão, a discriminação e a violência continuam oprimindo a vida de bilhões de seres humanos. Portanto, uma situação holística poderia surgir somente após uma longa luta, quando a injustiça se converter em justiça, a opressão em liberdade, a discriminação em igualdade e a violência em paz...

A visão de uma comunidade mundial, comprometida com direitos e responsabilidades, está começando a se projetar. Em proporção crescente, assistimos ao reconhecimento dos direitos humanos dos membros mais relegados da nossa sociedade, ou seja, de mulheres, crianças e minorias. Mesmo assim, a discriminação continua, até dentro das comunidades religiosas.

A sacralidade da terra e a nossa união vital com ela estão vivamente sentidas em muitas partes e nos recordam a responsabilidade de nos comportarmos e agirmos como administradores deste frágil sistema ecológico que nos alimenta e nos sustenta. Mesmo assim, porém, o meio ambiente está sendo ameaçado por uma destruição em proporções nunca vistas...

O movimento que procura chegar da separação e da fragmentação a uma comunidade coesa já contém um certo processo curativo. Grupos religiosos encontram inspiração e

motivação para este novo comportamento ético nas suas próprias tradições religiosas. Nesta busca, elas têm que enfrentar o perigo de servirem de instrumentos involuntários de programas econômicos, sociais ou políticos, perdendo assim o seu impulso espiritual e profético...

Dentro do contexto mais amplo e total, que ultrapassa as experiências limitadas dos grupos individuais, as próprias religiões necessitam curar-se do fanatismo estreito e da pretensão de serem os únicos detentores da verdade. Um tal processo de cura é capaz de libertar a dinâmica profética e espiritual de cada religião, para que chegue a transformar a sociedade geral.”

Perguntas:

1. Que tipo de impulsos a sua religião e cultura oferecem para solucionar os problemas mundiais da humanidade?
2. De que modo outras religiões poderão contribuir para esse processo de cura?
3. Que participação concreta você identifica no seu próprio contexto, na sua região, no seu país, em colaboração com seguidores de outras religiões, para contribuir para o processo de saneamento geral?



Bea, A.,

em: Acta sinodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II, vol. III/8, 605s

Barth, K.,

- Das christliche Verständnis der Offenbarung (Munique 1948)
- Kurze Erklärung des Römerbriefes (Munique 1967)

Bühlmann, W.,

- Wenn Gott zu allen Menschen geht (Friburgo 1981)
- Welt-Kirche. Neue Dimensionen – Modell für das Jahr 2001 (Graz 1984)

Camps, A.,

- Franziskanischer Dialog mit anderen Religionen: L. Boff/W. Bühlmann, Baue meine Kirche auf (Düsseldorf 1983), 88-106
- Geen doodlopende weg. Lokale Kerken in dialoog met hun omgeving (Baarn 1978)
- Neuer Dialog mit dem Hinduismus in Indien: Concilium 19 (1983)

Clarke, P.B., (edit.)

Atlas der Weltreligionen (Gütersloh 1993)

Conselho Pontifício pelo Diálogo inter-religioso,

Kongregation für die Evangelisierung der Völker: Dialog und Verkündigung. Überlegungen und Orientierungen zum Interreligiösen Dialog und zur Verkündigung des Evangeliums Christi. Secretariado da Conferência dos Bispos da Alemanha (edit.), Bonn 1991

Dahamony, M., (edit.)

Evangelisation, dialogue and development. Selected papers of the International Theological Conference, Nagpur, Índia 1971: Documenta Missionalia 5; Gregoriana (Roma 1972)

De Lubac, H.,

Paradoxe et mystère de l'Eglise (Paris 1967)

Dumoulin, H.,

Begegnung mit dem Buddhismus. Eine Einführung (Friburgo 1985)

Dupuis, I.,

The Cosmic Christ in the Early Fathers: Indian Journal of Theology (1966), 106-120

E'Lizondo, V.,

Voraussetzungen und Kriterien für einen authentischen interkulturellen theologischen Dialog: Concilium 20 (1984), 18-25

Falaturi, A./Strolz, W./ Talmon S. (edit.)

Zukunftshoffnung und Heilserwartung in den monotheistischen Religionen (Friburgo 1985)

Farquhar, J.N.,

The crown of Hinduism (Oxford 1913)

Johanns, P.,

Vários artigos na revista "The light of the East" (Calcutta, desde 1922)

Kraemer, H.,

• The Christian message in a non-christian world (Londres 1947)

• Religion and the Christian faith (Londres 1956)

Küng, H./Ess, J. van/Stietencron, H. von/ Bechert, H.

Christentum und Weltreligionen. Hinführung zum Dialog mit Islam, Hinduismus und Buddhismus (Munique 1984), 406s

Kunnumpuram, K.,

Ways of salvation. The salvific meaning of non-christian religions according to the teaching of Vatican II (Poona 1971)

Missionszentrale der Franziskaner (edit.)

Da série: "Berichte – Dokumente – Kommentare":

• Caderno 20: Mit anderen Augen sehen (Bonn 1983)

• Caderno 21: Das Leben teilen (Bonn 1984)

Moling, A.,

Christen und Buddhisten im Dialog. Erfahrungen und Überlegungen aus Thailand: Die katholischen Missionen 104 (1985), 117-121

Nayak, A./Abrard, A.M.,

Le dialogue entre hindous et chrétiens en Inde: Pro mundi vita (1982) 88

Neuner, J. (edit.)

Christian revelation and the non-christian religions (Londres 1967)

Noggler, O.,

Christlicher Glaube und Christentum, ihr Verhältnis zu einer indigenen Religion: Risse, G./Sonnemans, B./Thess, B. (edit.), Wege der Theologie: an der Schwelle zum dritten Jahrtausend. Festschrift für Hans Waldenfels (Paderborn 1996)

Panikkar, R.,

The unknown Christ of Hinduism (Londres 1965)

Pannenberg, W.,

• Grundzüge der Christologie (Gütersloh 1964)

• Theologie und Reich Gottes (Gütersloh 1971)

Papa Paulo VI,

"Ecclesiam Suam", Encíclica: AAS 56 (1964) 655

Puthiadam, J./Kämpchen, M.,

Geist der Wahrheit. Christliche Exerzitien im Dialog mit dem Hinduismus. Ein Lese- und Übungsbuch (Kevelaer 1980)



Rahner, K.,

Das Christentum und die nichtchristlichen Religionen; em: Schriften zur Theologie, vol. 5 (Zurique 1968), 136-158

Saldanha, C.,

Divine pedagogy. A patristic view of non-christian religions, LAS (Roma 1984)

Schlette, R.,

Die Religionen als Thema der Theologie (Friburgo 1963), 92s

Secretariado Pontifício pelos Não-Christãos (edit.)

Die Haltung der Kirche gegenüber den Anhängern anderer Religionen. Gedanken und Weisungen über Dialog und Mission, nº 17 (Roma 1984)

Strolz, W.,

• Christliche Begegnung mit Judentum und Islam; em: Heilswege der Religionen, vol.1 (Friburgo 1985)

• Christliche Begegnung mit Hinduismus und Buddhismus; em: Heilswege der Religionen, vol.2, (Friburgo 1986)

Strolz, W./Ueda, S. (edit.)

Offenbarung und Heilserfahrung im Christentum, Hinduismus und Buddhismus (Friburgo 1984)

Strolz, W./Waldenfels, H. (edit.)

Christliche Grundlage des Dialogs mit den Weltreligionen (Friburgo 1984)

Swidler, L.,

Der Dialog-Dekalog. Grundregeln für den interreligiösen und interideologischen Dialog, em: Stimmen der Zeit 109 (1984), 715-718

Waldenfels, H.,

• Absolutes Nichts. Zur Grundlage des Dialogs zwischen Buddhismus und Christentum (Friburgo 1980)

• Der Dialog zwischen Buddhismus und Christentum, Herausforderung für die europäischen Christen, em: Geist und Leben 53 (1980) 184-201

• Lexikon der Religionen (Friburgo 1987)

- Capa:** São Francisco. Igreja de San Francesco di Gubbio, séc. XIII.
- Folha de rosto:** De: Lexikon der Religionen.
- P. : 5** Fotografia: MZF.
- P. : 6** Francisco começa dialogar com o sultão de Damietta, Egito. Miniatura do Código Legenda Maior, séc. XV, Museu Franciscano, Roma.
- P. : 9** De: Atlas der Weltreligionen.
- P. : 11** Fotografia: MISSIO.
- P. : 12** Símbolo das religiões mundiais.
- P. : 13** De: Kontinente, 1/95, fotografia: Luri/KNA.
- P. : 15** Fotografia: Karl Kleiner.
- P. : 17** Dança religiosa como experiência de Deus, de: Alle Welt, 3/4/92, fotografia: Wim van der Kallen.
- P. : 19** O livro sagrado do Sikhismo e o guru Granth Sahib, de: Atlas der Weltreligionen.
- P. : 20** Um rabino lê a Torá com estudantes, de: Atlas der Weltreligionen.
- P. : 22** De: Atlas der Weltreligionen.
- P. : 23** De: ITE, 83; fotografia: L. Fäh.
- P. : 24** Fotografia: Escher-present.
- P. : 40** De: Franziskaner Mission, 1/93.



Para refletir



Olhos para os outros

Tu criaste os continentes;
tu fizeste os homens
diferentes em língua e cultura.

Tu deixaste o arroz crescer
desde tempos imemoráveis.

És tu quem aparece
nos múltiplos rostos
das religiões.

Mas tu, Senhor,
também és aquele
que conduz o homem
a crer e a duvidar.

Senhor, termina a luta fatal
entre os continentes e as raças.

Dá a todo ser humano
a tua fé.

Dá paz à Ásia
e ao mundo inteiro.

Dá paz e harmonia
às praias, sertões e matas
da minha pátria.

Senhor, dá-nos olhos
para ver os outros;
dá paz ao mundo
e fé no futuro do teu povo.
Da Indonésia



Para adquirir os cadernos das lições, favor entrar em contato com:



FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

CNPJ 31.166.622/0001-18

Rua Coronel Veiga, 1705 - CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 - CEP 25621-970

PETRÓPOLIS - RJ

PABX (0xx24) 242-5247 e 242-1300

FAX (0xx24) 242-7644

E-mail: ffb@compuland.com.br

Lições já publicadas:

0. Introdução e visão de conjunto

1. Cristianismo, a religião de Encarnação

2. A família franciscana

3. Cooperação interfranciscana hoje

4. Formação inicial e permanente

5. Fundamento bíblico-profético da missão franciscana

6. A origem da missão franciscana no mistério trinitário

7. A missão franciscana nas primeiras fontes

8. Fidelidade e traição: A história da missão

9. A missão franciscana segundo as fontes modernas

10. Unidade de contemplação e missão

11. Decisão por Cristo e amplitude universal

12. Fraternidade universal: Reconciliação com Deus, com o homem e a natureza

13. A missão franciscana e o anúncio da palavra

14. Irmãs e irmãos num mundo secularizado

15. O diálogo com outras religiões: Um caminho franciscano

Próximas lições a serem publicadas

16. Encontro com os muçulmanos

17. Inculturação, tarefa franciscana

18. O sonho franciscano de uma Igreja ameríndia